ETANOL DE MILHO SUPERA O DE CANA EM MATO GROSSO

RICARDO PEREIRA DA SILVA[1], TAINÁ HEINZMANN TIBALDI FRANÇA[2], DANIEL LATORRACA FERREIRA[3]

Mesmo com as altas no custo do milho e as quedas no preço do etanol durante a pandemia, as usinas de etanol de milho conseguiram preservar, ao menos em parte, seu poder de compra, pois repassaram as altas do preço do cereal para o DDG, vendido por elas às cadeias pecuárias. Além disso, a perspectiva de consumo de DDG pelas cadeias pecuárias é promissora, devido à melhora nos preços do boi gordo e do suíno vivo em Mato Grosso.

O ESTADO de Mato Grosso foi pioneiro na produção de etanol de milho no Brasil em 2012, quando a sua primeira usina *flex* começou a operar, em Campos de Júlio, na região oeste do estado.

A produção de etanol à base de milho tem sido um grande destaque do agronegócio mato-grossense, visto que a produção estadual representa 80,9% da produção brasileira do biocombustível, segundo uma estimativa do Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (IMEA) para a safra 2020/21. Além disso, o beneficiamento do cereal agrega valor à *commodity,* já que, além do etanol, o milho também dá origem a DDG (sigla em inglês para grãos secos de destilaria), WDG (sigla em inglês para grãos úmidos de destilaria) e óleo de milho, bem como é possível cogerar energia elétrica nas usinas que processam o grão.

No tocante ao etanol, o IMEA estima que a produção à base de milho alcance 2,14 milhões de metros cúbicos na safra 2020/21 em Mato Grosso – um aumento de 76,5% ante a temporada anterior e uma representatividade de 65,0% na produção de etanol total (milho + cana-de-açúcar). Além disso, será a primeira vez que o volume produzido de etanol de milho será superior ao do de cana-de-açúcar no estado.

A taxa de crescimento anual da produção de etanol de milho mato-grossense entre as safras 2013/14 e 2020/21 foi de 87,7%. Os fatores que incentivaram esse cenário foram a abundância de milho no estado e o programa RenovaBio, que incentiva a produção e a participação de biocombustíveis na matriz energética de transporte no País.

PREÇO DO MILHO *VERSUS* RESULTADO DAS USINAS

Até meados de setembro de 2019, o preço do milho foi um fator de incentivo para o beneficiamento do cereal no estado. Após esse período, o cereal começou a se valorizar substancialmente.

No tocante à demanda interna, as compras de milho pelas usinas de etanol na safra 2020/21 estão estimadas em 7,5 milhões de toneladas – volume que representa uma participação de 20,6% sobre a produção estadual e um aumento expressivo de 33,7% ante as aquisições da temporada 2019/20. Com isso, as usinas seriam o segundo maior destino do cereal mato-grossense.

Nota-se que, nos últimos cinco anos, as compras de matéria-prima (milho em grão) pelas indústrias mato-grossenses cresceram 431,8%, e, esse movimento tem ocorrido sobre o cereal que antes era destinado para outros estados.

Com relação ao cenário externo, a desvalorização do real perante o dólar, bem como os menores estoques do cereal em

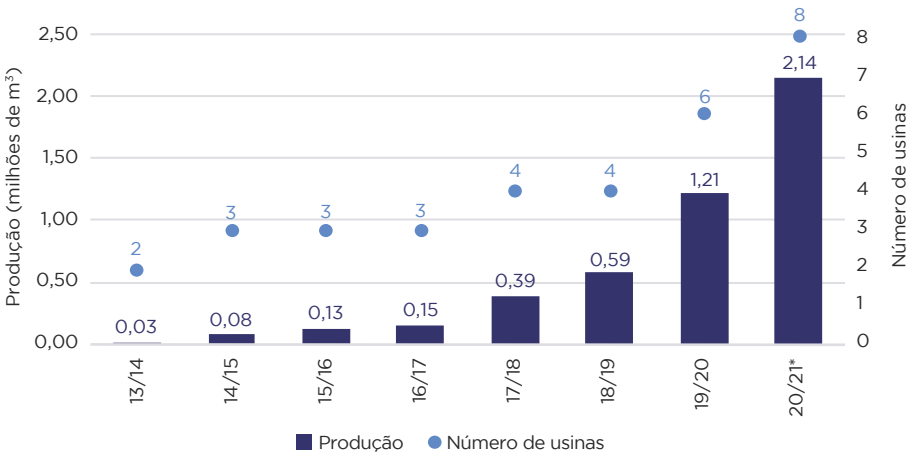


SHUTTERSTOCK

países como Estados Unidos, Argentina e México, valorizou o produto no mercado internacional, o que se refletiu no cenário brasileiro. Diante disso, a conjuntura altista elevou o custo das usinas de etanol e, para agravar esse cenário, ocorreu a pandemia do novo coronavírus, que pressionou as cotações do biocombustível entre março e maio de 2020.

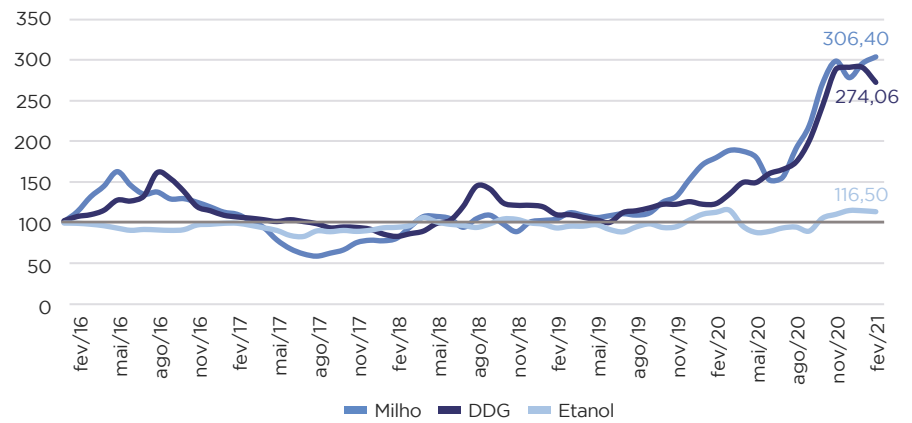
Esse cenário gerou dúvidas no mercado quanto à manutenção da viabilidade das usinas de etanol de milho, considerando que a venda do biocombustível é a maior fonte de receita delas. Por outro lado, é válido lembrar que as indústrias de etanol de milho também produzem o DDG, que se tornou um grande vetor para a manutenção da viabilidade econômica destas em 2020. Isso porque há uma forte correlação entre os preços do milho e os do DDG, enquanto a correlação entre os preços do etanol e os do milho é fraca. Ou seja, mesmo com os aumentos no preço do cereal, as cotações do DDG seguiram a mesma tendência que a matéria-prima, o que contribuiu para proteger o poder de compra das usinas de etanol de milho.

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE ETANOL DE MILHO E QUANTIDADE DE USINAS OPERANDO EM MATO GROSSO



*Estimativa de janeiro de 2021[3]
Fonte: SAPCANA/IMEA

MATO GROSSO: VARIAÇÃO DOS PREÇOS DO MILHO, DO ETANOL E DO DDG
(NÚMERO ÍNDICE; BASE 100 = JANEIRO DE 2016)



Nota: para o milho e o DDG, os preços são os do mercado disponível e, para o etanol hidratado, são os da revenda
Fonte: ANP/IMEA; elaboração: IMEA

A perspectiva é de que a demanda pelo DDG para a suplementação animal continue crescendo, mesmo com a valorização do coproduto das usinas, em razão de o mercado de proteína animal também ter registrado reajustes expressivos nas suas cotações entre 2019 e 2020.

Esse movimento esteve atrelado à melhora na demanda interna, em virtude do auxílio emergencial (que elevou o consumo das famílias) e do aumento das exportações brasileiras e mato-grossenses. Pontualmente, as cotações no mercado suinícola passaram a recuar no final de 2020, devido à retração na demanda doméstica mediante os elevados níveis de preços. Mesmo assim, o preço do quilo do suíno em fevereiro último foi 24,6% superior ao de fevereiro de 2020 em termos reais.

Sendo assim, o panorama de melhores preços nas cadeias pecuárias no estado contribuiu para mitigar o estreitamento nas margens dos pecuaristas de corte e dos suinocultores, ocasionado pela alta do DDG. Ademais, o DDG continua mais competitivo do que o farelo de soja, o que incentiva a utilização do primeiro na dieta animal.

O cenário apresentado indica que a industrialização do cereal e a produção de etanol de milho tendem a continuar crescendo, contrariamente ao quadro de temor gerado pela pandemia. Além disso, o DDG passou a ter uma grande importância nos resultados econômicos das indústrias, sendo a receita dele tão importante quanto a do etanol na atual conjuntura de custos das usinas de etanol de milho. ■

1 Economista formado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e analista de Agroindústrias do IMEA

2 Economista, MBA em Agronegócio e Gestão de Projetos pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP) e gestora de Desenvolvimento Regional do IMEA

3 Economista, MBA em Agronegócio pela Esalq/USP e superintendente do IMEA